

# RESUMO DE APRENDIZAGEM

Julho de 2026



Climate & Development  
Knowledge Network



## Mensagens-chave

- A Adaptação Liderada Localmente (LLA) em África centra-se fundamentalmente em quem detém o poder de decisão, garantindo que as mulheres, os jovens, as pessoas com deficiência, os idosos e os grupos marginalizados influenciem as prioridades e a alocação de recursos.
- As comunidades em toda a região estão a inovar, combinando conhecimentos indígenas, experiências vividas e informação científica para lidar com a variabilidade climática e as mudanças sociais e económicas mais amplas, sendo que as mulheres e os jovens atuam frequentemente como detentores de conhecimento e mobilizadores fundamentais.
- Uma LLA eficaz depende de sistemas de governação inclusivos que permitam a tomada de decisões a nível local, incluindo um enquadramento jurídico, financiamento previsível e flexível e vias estruturadas para a voz da comunidade.
- As abordagens de adaptação devem ser ágeis e socialmente enraizadas, particularmente em contextos afetados por conflitos, deslocamentos e movimentos populacionais rápidos, onde modelos de projeto estáticos rapidamente se tornam obsoletos.
- A ampliação da LLA não se resume apenas à replicação (expansão horizontal), mas também a uma transformação mais profunda dos sistemas (ampliação vertical): incorporar a igualdade de género e a inclusão social nas instituições, alterar as relações de poder, reforçar a liderança local e investir em processos de colaboração e confiança a longo prazo.

**Autor:** Fatema Rajabali

## Lições retiradas de um workshop de aprendizagem sobre a adaptação liderada a nível local em África

Em toda a África, as comunidades há muito que se adaptam à variabilidade climática através da mobilização do conhecimento local, da ação coletiva e das práticas indígenas. No entanto, estas formas de resiliência continuam frequentemente a ser subvalorizadas no planeamento climático nacional e a receber pouco apoio dos mecanismos de financiamento da adaptação.

O programa da Rede de Conhecimento sobre Clima e Desenvolvimento (CDKN) trabalha para fortalecer e capacitar líderes climáticos locais e nacionais, permitindo-lhes impulsionar mudanças significativas e sustentáveis nas suas instituições e comunidades. Em África, a CDKN implementa programas de desenvolvimento resilientes às alterações climáticas em cinco países prioritários — Quênia, Etiópia, Gana, Namíbia e Senegal — e apoia cinco projetos de «conhecimento para a ação» liderados localmente.



Mulheres a pesar frutos de baobá colhidos. Crédito da fotografia: Micaia

A CDKN tem vindo a trabalhar para colmatar a lacuna entre o que as comunidades já estão a fazer e os sistemas que moldam a governação climática e as decisões de investimento, salientando que a adaptação climática é mais eficaz quando a liderança local, a governação inclusiva e o conhecimento proveniente da comunidade são os pontos de partida para a ação, em vez de uma reflexão tardia.

Foi com este entendimento que o programa CDKN África reuniu 16 parceiros de entre nove países africanos em agosto de 2025 para discutir as lições aprendidas com o seu trabalho apoiado pela CDKN. O workshop regional de aprendizagem criou um espaço dedicado a profissionais, investigadores, organizações juvenis e líderes comunitários para refletir sobre como a LLA se traduz na prática e por que razão as abordagens baseadas na autonomia comunitária são fundamentais. Foi um espaço para refletir sobre os momentos em que a adaptação é genuinamente moldada pelas comunidades e sobre as barreiras sistémicas que continuam a limitar a inclusão, a autonomia e a resiliência a longo prazo. Este resumo sintetiza as principais conclusões do workshop de formação.

Os quarenta e um participantes também exploraram os recursos institucionais, humanos e financeiros necessários para alcançar e sustentar abordagens centradas na comunidade em grande escala.

Refletiram sobre as condições necessárias para integrar estas abordagens de forma mais ampla nos sistemas de governação. O workshop reconheceu a realidade de que a LLA surge da experiência vivida, da liderança local e da negociação quotidiana da incerteza climática, onde a exposição aos impactos é determinada pela interação de fatores sociais e económicos.

Ao reunir parceiros de contextos diversos — desde zonas afetadas por conflitos a pastagens de pastores, de florestas sagradas rurais a assentamentos urbanos —, o workshop apoiou o objetivo estratégico mais amplo da CDKN: reforçar a autonomia das comunidades, fazer a ponte entre os sistemas de governação locais e nacionais e aprofundar os caminhos regionais para um desenvolvimento resiliente às alterações climáticas em toda a África.

### Como se traduz na prática a adaptação liderada localmente

Uma lição central do workshop foi que a LLA não pode ser reduzida a um modelo ou lista de verificação. Em contextos tão diversos como o norte do Quênia, o sul do Gana, o centro de Moçambique e a região Equatorial Ocidental do Sudão do Sul, o centro do Benim e as cidades do norte e sul dos Camarões, a LLA caracteriza-se pela liderança local, pela tomada de decisões enraizada nas prioridades locais e nas realidades vividas, e pela apropriação comunitária das vias de adaptação.



Fotografia de grupo dos participantes no workshop de formação LLA da CDKN em Machakos, no Quênia. Crédito da fotografia: CDKN

Em todos estes exemplos, o padrão é claro: a LLA é bem-sucedida quando as prioridades locais orientam a agenda e quando as comunidades desempenham um papel central na definição dos problemas, na interpretação do conhecimento e na elaboração de soluções. Grupos com necessidades e preocupações específicas em relação ao desenvolvimento resiliente às alterações climáticas, como os jovens e as mulheres, são frequentemente os que lideram a mudança e concebem soluções inspiradas pelas suas perspetivas únicas.

### Conectar diversos sistemas de conhecimento para a adaptação local

Um dos temas transversais mais marcantes foi a importância dos sistemas de conhecimento híbridos. Em toda a África, as comunidades já possuem um conhecimento profundo sobre padrões meteorológicos, humidade do solo, sazonalidade, mobilidade, biodiversidade e alterações na paisagem. No entanto, as alterações climáticas estão a alterar esses padrões, e os modelos científicos, por si só, não conseguem captar essa complexidade.

Os participantes mostraram como surge um LLA significativo quando o conhecimento local, indígena e científico interage de formas que respeitam a sua integridade. Os intermediários ajudam a promover o diálogo entre sistemas de conhecimento, facilitam processos de coprodução e ligam o conhecimento comunitário aos mecanismos de planeamento e governação.

Nas regiões pastorais do Quênia, o conhecimento indígena encontra a inovação digital através da iniciativa Nature and People as One (NaPO), que lidera a utilização da ferramenta SMART (Spatial Monitoring and Reporting Tool), apoiada pelo CDKN e outros parceiros, adaptada às línguas locais e com ícones de animais para facilitar o acesso a pessoas com baixos níveis de literacia.

Os embaixadores da comunidade indígena Rendille, concentrados nas províncias do nordeste, utilizam-na para monitorizar áreas de pastagem,

acompanhar os movimentos da vida selvagem e coordenar decisões sazonais — demonstrando como as ferramentas digitais funcionam melhor quando integradas nas estruturas sociais e adaptadas aos contextos locais.

No Benim, as comunidades reconhecem e protegem as florestas sagradas como um pilar das suas crenças espirituais, identidade cultural e práticas consuetudinárias. Para além do seu valor ecológico, estas florestas personificam a gestão intergeracional e a coesão social. Contribuem com múltiplos serviços ecossistémicos, incluindo a regulação da água, a retenção do solo e a moderação do microclima, que apoiam a adaptação ao aquecimento crescente e às chuvas irregulares. Através da SURVIE de la Mère et de l'Enfant (SURVIE), o conhecimento empírico das comunidades é cada vez mais documentado a par da investigação científica para demonstrar estes benefícios culturais e ecológicos interligados.

Os centros de colaboração do Gana e os eventos de slam dos Camarões mostraram como diversos atores traduziram a ciência climática e ambiental em narrativas culturalmente significativas. Os participantes salientaram que «o que pode funcionar num lugar é totalmente diferente noutra», sublinhando que a mediação de conhecimento é uma prática relacional moldada pela geografia, identidade e cultura.



Um participante da residência criativa do Grand Slam que recorre à performance para envolver os jovens e sensibilizar o público. Crédito da fotografia: Grand Slam National



Pastor e membro da Rede de Conservação dos Pastores da NaPO a utilizar um dispositivo GPS para mapear as principais características das pastagens. Crédito da fotografia: NaPO

No Sudão do Sul, os jovens dos condados da Equatoria Ocidental dão prioridade a abordagens de adaptação portáteis e baseadas em competências, bem como a atividades de geração rápida de rendimentos. Preferem iniciativas climáticas impulsionadas pela comunidade, tais como a reflorestação, a agricultura resistente às inundações e alternativas de energia renovável, que podem desenvolver competências práticas e meios de subsistência, enquanto reforçam a resiliência de formas adequadas ao contexto local. No entanto, os principais desafios são a fraca política de adaptação climática, as dificuldades na aplicação das políticas por parte de sistemas de governação fracos e o acesso limitado ou inexistente ao financiamento climático

Em conjunto, estas experiências mostram que a LLA não se resume simplesmente à transferência de conhecimento de um ator para outro. Trata-se de criar espaços onde as pessoas possam refletir, articular conhecimento tácito, partilhar experiências e coproduzir ideias e intervenções.

### **Sistemas de governação inclusivos e condições propícias à liderança local**

Ao longo do workshop, os participantes voltaram a uma conclusão central: a LLA não pode ser sustentada sem sistemas de governação inclusivos que criem as condições para a liderança local.

Estes sistemas devem fazer mais do que descentralizar a autoridade — devem criar espaços estruturados onde as comunidades possam trazer à tona as prioridades das pessoas mais afetadas pelo clima e marginalizadas, refletir, articular as suas prioridades, tornar explícito o conhecimento tácito e influenciar os processos de tomada de decisão.

No Benim, o valor comprovado das florestas sagradas para a adaptação reforçou os argumentos a favor do seu reconhecimento legal formal. Com o apoio da SURVIE, os líderes comunitários estão a exortar os legisladores nacionais a concederem às florestas sagradas um estatuto oficial, reforçando assim a sua importância ecológica e cultural no âmbito da governação.

Em todos os países, os participantes destacaram a necessidade de financiamento previsível, de longo prazo e flexível. As comunidades não podem liderar a adaptação de forma significativa quando o financiamento é de curto prazo, rígido ou excessivamente focado em resultados tangíveis. O investimento deve também apoiar a facilitação, o diálogo e os processos de tomada de decisão coletiva, os alicerces da governação que constituem a espinha dorsal da LLA.

As pequenas e médias empresas (PME) foram também identificadas como fundamentais para reforçar a viabilidade económica da adaptação liderada localmente. Em comunidades costeiras e insulares no Senegal, onde a degradação ambiental e as perspetivas económicas limitadas estão a provocar a emigração, os membros da comunidade estão a criar plataformas de discussão locais para compreender as alterações costeiras e identificar oportunidades de meios de subsistência adaptativos. O parceiro nacional da CDKN, a ENDA Energie, refletiu sobre como a troca de conhecimentos entre empreendedores, dentro e entre comunidades, está a ajudar a estimular a inovação e a diversificar as fontes de rendimento em condições ambientais em mudança.

Um exemplo vem da Ilha de Niodior, onde grupos de mulheres e organizações locais estão a responder à subida do nível do mar e à degradação dos solos, causadas pela intrusão de água salgada e pela perda de mangais, através de iniciativas de subsistência impulsionadas a nível local.



Participantes do workshop a jogar o jogo de partilha de conhecimentos «All hands on deck». Crédito da foto: CDKN

## Adaptação liderada localmente em contextos afetados por conflitos

O workshop destacou regiões onde a adaptação climática é indissociável da instabilidade geopolítica, dos conflitos e da mobilidade da população. A contribuição da YEDA do Sudão do Sul ilustrou isso de forma clara. Os participantes descreveram como as comunidades enfrentam pressões interligadas, incluindo deslocamento, conflitos, inundações e perda de infraestruturas, a par da competição por recursos. Nestes contextos, a adaptação não pode basear-se numa conceção estática de projetos; deve ter em conta os conflitos, ser informada pela mobilidade e ser socialmente inclusiva.

Por exemplo, projetos-piloto de irrigação movidos a energia solar permitiram que as comunidades mantivessem a horticultura, apesar dos padrões de precipitação cada vez mais imprevisíveis que têm perturbado os ciclos tradicionais de plantação.

O mapeamento participativo de 360° apoiou ainda mais as comunidades na documentação dos riscos climáticos e no planeamento de respostas em contextos onde o deslocamento, a infraestrutura fraca e a presença institucional limitada complicam o planeamento da adaptação

A resiliência económica revelou-se central para a adaptação liderada localmente em contextos frágeis. Em 2025, comunidades de quatro aldeias no Sudão do Sul criaram Associações de Poupança e Empréstimo das Aldeias (VSLAs), estabelecendo redes de segurança financeira lideradas pela comunidade que reforçam os meios de subsistência e ajudam as famílias a absorver choques relacionados com o clima e os conflitos, particularmente para as mulheres que enfrentam barreiras ao acesso ao financiamento formal.

Os participantes salientaram que o impacto mais profundo reside no reforço da coesão comunitária e da ação coletiva num ambiente em que as instituições são fracas e a mobilidade é fundamental para a sobrevivência. Estas experiências sublinham uma lição mais ampla: a adaptação liderada localmente em contextos afetados por conflitos deve integrar a gestão dos riscos climáticos com a coesão social, a inclusão económica e a participação equitativa. Sem uma atenção deliberada às questões de género e à inclusão social, os esforços de adaptação correm o risco de reforçar as desigualdades existentes, em vez de construir resiliência.



Atividade de reflorestação, Benim. Crédito da fotografia: Survie

## Implicações para as políticas, a prática e o investimento

As lições do workshop da CDKN têm implicações em várias escalas:

### Para os profissionais e a sociedade civil:

Aprofundar as abordagens participativas utilizando ferramentas como o mapeamento de riscos e fóruns locais para compreender melhor as prioridades locais e as dinâmicas de poder; reforçar a liderança de mulheres, jovens e pessoas com deficiência, idosos e grupos marginalizados, garantindo que a participação se traduza em influência na tomada de decisões; utilizar abordagens culturalmente relevantes, incluindo artes, narração de histórias e plataformas lideradas por jovens para mudar normas e tornar a ação climática localmente significativa; trabalhar com e fortalecer as instituições locais existentes, ao mesmo tempo que se criam novos espaços, quando necessário, para a partilha de conhecimento e a resolução coletiva de problemas; e documentar a aprendizagem (incluindo os fracassos) e promover intercâmbios entre países e comunidades para fortalecer a aprendizagem regional.

Construir vontade política através do envolvimento contínuo, da defesa de causas e de fóruns que reúnam políticos, especialistas e comunidades

para promover a adesão política a intervenções lideradas localmente, ligando-as ao desenvolvimento económico dos países.

### Para os governos locais:

Integrar a LLA nos processos de planeamento, orçamentação e acompanhamento, de modo a que as prioridades da comunidade orientem os planos anuais e a afetação de recursos; garantir que as pessoas mais afetadas pelas alterações climáticas nas comunidades beneficiem de forma equitativa dos esforços de adaptação; reforçar os mecanismos subnacionais de financiamento climático para canalizar fundos para investimentos definidos pela comunidade; e institucionalizar estruturas participativas, tais como fóruns públicos e processos de consulta, investindo simultaneamente na capacidade de facilitação para apoiar a tomada de decisões inclusiva.

**Para os governos nacionais:** Legislar e financiar quadros de adaptação descentralizados que clarifiquem as funções e os fluxos orçamentais entre os níveis de governo; integrar a LLA nos Planos Nacionais de Adaptação (PNA), nas Contribuições Nacionalmente Determinadas (CND) e nas Estratégias e Planos de Ação Nacionais para a Biodiversidade (EPANB); e reconhecer formalmente as instituições comunitárias através de mecanismos legais ou políticos que permitam uma participação significativa nos processos de planeamento e financiamento.



A equipa da YEDA constrói estruturas de emergência na Equatória Ocidental. Crédito da fotografia: YEDA

**Para doadores e parceiros de desenvolvimento:** Disponibilizar financiamento flexível e de longo prazo que apoie percursos de adaptação em evolução, em vez de ciclos de projeto curtos; valorizar os processos de governação e de construção de confiança a par dos resultados técnicos; e alinhar o financiamento com sistemas descentralizados, garantindo que os recursos cheguem aos níveis subnacionais e apoiem instituições que liguem as comunidades à tomada de decisões e ao financiamento.

**Para os órgãos regionais e continentais:** Integrar os princípios da LLA, incluindo a tomada de decisões inclusiva e local e o acesso direto ao financiamento, em quadros regionais e continentais harmonizados. Facilitar plataformas de aprendizagem entre pares que permitam aos governos, profissionais e comunidades trocar experiências práticas sobre a implementação da LLA, incluindo financiamento subnacional, planeamento participativo e governação liderada pela comunidade. Apoiar a replicação e institucionalização de modelos eficazes liderados localmente em todos os países.

## Conclusão

O sucesso da LLA depende não só do que alcança, mas também da forma como o alcança. A nossa compreensão da LLA como uma adaptação equitativa e liderada pela comunidade coloca a liderança, a participação e a tomada de decisões inclusiva no seu cerne. Estes processos não são fins em si mesmos, mas sim os meios através dos quais a adaptação pode chegar aos mais afetados pelas alterações climáticas e responder às diversas necessidades e prioridades dentro das comunidades. Este aspeto será explorado mais aprofundadamente num próximo relatório da CDKN.

O workshop de aprendizagem confirmou que as comunidades africanas não se limitam a adaptar-se — estão a liderar. A sua criatividade, o conhecimento local e a ação coletiva constituem a espinha dorsal da resiliência climática em todo o continente.

À medida que doadores, governos, profissionais e investigadores trabalham para ampliar a LLA, a lição é clara: investir nas pessoas, nas relações, nos sistemas de governação e em processos de longo prazo que permitam às comunidades liderar os seus próprios percursos de adaptação, especialmente nos diversos grupos sociais que apresentam capacidades, necessidades e prioridades variadas.

A LLA não é um modelo de projeto. Trata-se, antes, de uma transformação na forma como compreendemos a liderança, o conhecimento e o poder na ação climática. África já está a mostrar o caminho.



Participantes do workshop LLA da CDKN durante a visita à barragem de açude em Machakos, no Quênia. Crédito da foto: CDKN



Membro da Rede de Conservação dos Pastores da NaPO. Crédito da fotografia: Arash Ghoddousi

**Autor:** Fatema Rajabali

**Revisores:** Essia Guezzi, Lucia Scodanibbio, Lisa McNamara, Mairi Dupar, Nadia Sitas, Patricia Bamanyaki

**Editores:** Cris Robertson, Robin Heuermann

Foto da capa: Participantes a participar em mesas redondas no workshop LLA da CDKN no Quênia,  
Crédito fotográfico: CDKN

## Climate and Development Knowledge Network (CDKN)

A Rede de Conhecimento sobre Clima e Desenvolvimento (CDKN) é um programa global liderado pelo Sul, fundado em 2010. O programa é gerido pela SouthSouthNorth e implementado em parceria com a Fundación Futuro Latinoamericano e a ICLEI South Asia. A CDKN trabalha para melhorar o bem-estar das pessoas mais afetadas pelas alterações climáticas no Sul Global, especialmente dos grupos marginalizados, através de ações transformadoras e resilientes às alterações climáticas. Trabalhamos em parceria com os setores público, da sociedade civil e privado para mobilizar conhecimento, liderança e capacidade no Sul Global, desde o nível local até ao nível global.



[www.cdkn.org](http://www.cdkn.org)

[cdkn@southsouthnorth.org](mailto:cdkn@southsouthnorth.org)

Este trabalho foi realizado com o apoio de uma subvenção do Ministério dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos e do Centro Internacional de Investigação para o Desenvolvimento (IDRC), do Canadá, no âmbito do Programa da Rede de Conhecimento sobre Clima e Desenvolvimento (CDKN). As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as do Ministério dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos, nem as do IDRC ou do seu Conselho de Governadores, nem as das entidades que gerem a CDKN. Copyright © 2026, Rede de Conhecimento sobre Clima e Desenvolvimento. Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma Licença Creative Commons de Atribuição, Não Comercial (CC BY-NC 3.0).